

O TEXAS BRASILEIRO: O RIO GRANDE DO SUL E O GAÚCHO NA PERSPECTIVA DAS REVISTAS DE PROPAGANDA BRASILEIRA NOS EUA (1941)

BRAZILIAN TEXAS: RIO GRANDE DO SUL AND THE GAÚCHO FROM THE PERSPECTIVE OF BRAZILIAN ADVERTISING MAGAZINES IN THE U.S (1941)

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins¹
Andreza Rayane Souza de Andrade²

RESUMO

O artigo analisa, a partir da política de propaganda externa brasileira nos EUA, no contexto da Segunda Guerra Mundial, como o estado do Rio Grande do Sul e o gaúcho foram apresentados ao leitor de duas revistas publicadas pelo governo brasileiro nos EUA, na década de 1940: *Brazil Today* e *Travel in Brazil*, ambas em língua inglesa, distribuídas nos EUA e Canadá. O referencial teórico-metodológico ancora-se no diálogo entre várias abordagens de História na dimensão cultural que envolvam as ideias e intelectualidade com a História Política de caráter renovado, articulando reflexões acerca das relações entre a ideologia política do Estado Novo para com a imprensa estrangeira. Como resultados, nota-se a tentativa de aproximação, tanto em aspectos geográficos quanto etnográficos, de EUA e Brasil, no caso, Meio Oeste estadunidense com o Sul brasileiro, cowboy texano com gaúcho, estratégia que visou arregimentar o público leitor dos periódicos um laço de amizade dos dois países para melhorar a imagem do Brasil em território estadunidense.

Palavras-chave: Brazil Today. Cowboy. Gaúcho. Imprensa. Rio Grande do Sul. Travel in Brazil.

ABSTRACT

The article analyzes, from the Brazilian foreign propaganda policy in the USA, in the context of World War II, how the state of Rio Grande do Sul and the gaucho were presented to the reader of two magazines published by the Brazilian government in the USA, in the decade of 1940: Brazil Today and Travel in Brazil, both in English, distributed in the USA and Canada. The theoretical-methodological framework is anchored in the dialogue between various approaches to History in the cultural dimension that involve ideas and intellectuality with

1 Professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN - Campus Central. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas PPGCISH - UERN. Graduação em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2003), Mestre em História Social na Universidade Federal do Ceará - UFC (2006), Doutor em Ciências (História Social) na Universidade de São Paulo - USP (2015) e Graduação em Medicina na UERN (2018 - em andamento).

2 Graduação em andamento em História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

a renewed Political History, articulating reflections on the relationship between the political ideology of the Estado Novo and the foreign press. As a result, there is an attempt to bring the USA and Brazil closer, both in geographic and ethnographic aspects, in this case, the US Midwest with the Brazilian South, Texan cowboy and gaucho, a strategy that aimed to enlist the readership of the periodicals in a bond of friendship between the two countries to improve the image of Brazil in US territory.

Keywords: Brazil Today. Cowboy. Gaucho. Press. Rio Grande do Sul. Travel in Brazil.

INTRODUÇÃO

As décadas de 1930 e 1940 se configuraram como nova diretriz diplomática dos EUA para com a América Latina, por meio da chamada política da boa vizinhança (PBV). Conceitualmente, a PBV pode ser considerada como tática dos EUA para exercer a hegemonia continental, já que os princípios dos interesses imperialistas foram mantidos (WOOD, 1985, p. 10-11; FREJES, 1986, p. 6-7). Detinha dois aspectos: o da *não intervenção nos países*, ou seja, reconhecimento à autodeterminação dos povos, o que, na prática, se efetivou pela revogação da *Emenda Platt* (datada de 1901 e que autorizava os EUA a intervirem em Cuba), evacuação do Haiti (em 1934), retirada dos fuzileiros (*Marines*) de qualquer Estado independente; e o da *cooperação interamericana*, que se efetivou com certa tolerância em relação às políticas econômicas das repúblicas latino-americanas e seus respectivos governos de tendências antiliberais (PERKINS, 1967, p. 92).

Há vasta obra historiográfica sobre a PBV, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Em revisão da historiografia sobre o tema, Maria Lígia Prado aponta que boa parte das obras são tradicionais, “mantendo aparente tom neutro e objetivo” (PRADO, 1995). Das obras brasileiras, destacam-se os estudos de Gerson Moura que elaborou abordagem fora da dicotomia *imperialismo e manipulação* dos países latino-americanos. Seu conceito de “autonomia na dependência” explica as posições de barganha brasileira pela preferência comercial entre Estados Unidos e Alemanha (MOURA, 1980). Cristina Pecequilo trabalhou, de maneira geral, a trajetória da política externa estadunidense (PECEQUILO, 2003) e Roberto Gambini analisou a PBV pelo viés econômico, tentando compreender a dinâmica das relações comerciais entre *centro* (EUA e Alemanha) e *periferia* (Brasil) naquele contexto de recrudescimento da luta entre as nações de capitalismo central. (GAMBINI, 1977).

Esse novo cenário criado pela PBV favoreceu a disputa de Brasil e Argentina pela liderança regional do subcontinente chancelada pelos EUA. Tal lógica não fora bem recebida pelo embaixador do Brasil nos EUA e, posteriormente, ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, por pre-

gar a “igualdade de consideração e tratamento das nações continentais pelos EUA”. (ARANHA, 1937). Tal igualdade significaria dividir as atenções dos Estados Unidos com a Argentina e outros países, ou seja, na visão brasileira, significaria diminuir seu espaço político em detrimento do aumento da importância portenha para com os EUA (HILTON, 1994, p. 215; MCCANN JR., 1995, p. 201).

Vale destacar que o principal objetivo da política externa brasileira, na época, era sagrar-se como potência regional, um papel de liderança na América do Sul de fato e de direito. (MCCANN JR., 1995, p. 95 e 96 e BANDEIRA, 2010, p. 200-209). Para que isso ocorresse, era necessário, externamente, o reconhecimento da supremacia regional brasileira (com maior população e território) por parte da “nação líder” (os Estados Unidos) e, internamente, era mister a realização dos principais objetivos brasileiros: estabilização e desenvolvimento da economia, mormente diversificação do comércio exterior e criação de um parque industrial, norteado na indústria de base (siderurgia e combustível), além do fortalecimento das forças armadas, para que o país pudesse exercer a liderança “de fato” (CERVO & BUENO, 2008, p. 284; SVARTMAN, 1999, p. 99).

Uma das batalhas pela hegemonia regional ocorreu por meio da diplomacia cultural, ou seja, implementação de ações que favoreçam a imagem do país no exterior, nesse caso, nos Estados Unidos. A diplomacia cultural, um dos ramos da propaganda externa, detém objetivos políticos, sobretudo, no estabelecimento de acordos governamentais com objetivos de facilitar ou incentivar o intercâmbio cultural que visa apresentar uma imagem positiva nas operações diplomáticas, políticas e econômicas (HERTZ, 1987, p. 61-76) que abrange os seguintes temas ou ideias: intercâmbio de pessoas; promoção da arte e dos artistas; ensino de língua, como veículo de valores; distribuição integrada de material de divulgação; apoio a projetos de cooperação intelectual; apoio a projetos de cooperação técnica; integração e mutualidade na programação. (RIBEIRO, 2011, p. 31).

Destarte, este artigo objetiva exemplificar, como estudo de caso, a forma com que ocorreu, na prática, a diplomacia cultural brasileira nos EUA, por meio de análise de dois artigos sobre o Rio Grande do Sul, estado-chave nos interesses estratégicos brasileiros na época, publicados nas duas revistas oficiais de propaganda do governo brasileiro nos EUA: *Brazil Today* e *Travel in Brazil*, periódicos produzidos por brasileiros, redigidos em língua inglesa, destinados a um público restrito: agentes públicos, políticos, empresários, acadêmicos e leitores interessados no país. Por sua natureza propagandística, as revistas tinham como função divulgar informações sobre o Brasil no mundo, sob perspectiva dos interesses brasileiros. Em

suma, as notícias veiculadas pelas revistas do governo brasileiro são filtradas, articuladas e opiniosas, como qualquer veículo de imprensa, são “antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 1996, p. 249).

1 TURISMO OU PROPAGANDA? AS REVISTAS *BRAZIL TODAY* E *TRAVEL IN BRAZIL*

Por definição, propaganda externa seria qualquer ação promovida por um governo com objetivo de projetar uma imagem positiva do país no exterior (BOBBIO, 2008 p. 1019), sendo a imprensa o veículo mais usado a época. Isso corresponderia, no caso em questão, ao monitoramento das matérias veiculadas na imprensa, à compra e disputa por espaços (publicitários ou não) nos diversos veículos noticiosos (jornais e revistas) dos EUA para publicação de matérias favoráveis ao Brasil (LINS, 2015, p. 20).

No Brasil, sob auspícios do Estado Novo (1937-1945), a política de propaganda do governo brasileiro foi exercida nos EUA por diversos órgãos: Embaixadas, consulados e Secretaria Geral do Ministério das Relações Exteriores, Escritório de Informações Brasileiras no Exterior, ligado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP); *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, do governo norte-americano, responsável pelo intercâmbio estadunidense na América Latina; *American Brazilian Association*, único de natureza privada. Havia ainda outras entidades que prestavam informações do Brasil nos EUA, embora de maneira setorial. São elas: Departamento Nacional do Café (DNC); Instituto Nacional do Mate e Delegação do Tesouro do Brasileiro. (LINS, 2015, p. 49).

Brazil Today foi o único periódico oficial do governo brasileiro impresso nos Estados Unidos na época. Ressalta-se a não existência de exemplares dessa revista em acervos brasileiros, há apenas menções na documentação diplomática nos acervos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas e no Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro. Após contato com instituições estadunidenses, alguns números de *Brazil Today* foram localizados nas seguintes instituições: Biblioteca da Universidade de Michigan, Ann Arbor - Michigan; Biblioteca da Universidade de Chicago, Chicago - Illinois; e Biblioteca do Congresso dos EUA, Washington DC. Nas duas primeiras instituições, houve digitalização e envio via e-mail, por intermédio do professor William James Mello, da Universidade de Indiana, Bloomington-Indiana. Tendo em vista a ausência de alguns números, foi realizada pesquisa presencial na Biblioteca do Congresso dos EUA, em Wa-

shington DC, em que foi possível manusear e fotografar todas as edições da revista.

Sob responsabilidade do Escritório de Informações Brasileiras nos EUA, o *Brazilian Information Bureau*, de Nova Iorque, *Brazil Today* foi editada pelo diretor do órgão Francisco Silva Júnior. Vendido ao custo de vinte centavos de dólar a edição ou dois dólares a assinatura anual. Sem tiragem conhecida, estima-se que centenas de edições tenham sido produzidas, pois o periódico era distribuído a funcionários públicos, editores, organizações comerciais, agentes de viagem, bibliotecas, empresários, estúdios de cinema, emissoras de rádio e instituições educacionais dos EUA e Canadá (BRAZIL TODAY, 1942, p. 9).

O contexto da criação de *Brazil Today* se efetiva no período de recrudescimento da Segunda Guerra Mundial e da possível entrada dos EUA no conflito. Assim, apresentar o Brasil como aliado dos estadunidenses era tarefa prioritária do Estado Novo. A revista circulou por apenas dois anos, de setembro de 1940 a fevereiro de 1942, em 11 edições, com periodicidade variada.

As capas de todas as edições seguiam o padrão editorial da época, logo, o título *Brazil Today* escrito em fonte longilínea, em página limpa, papel tipo *couchê brilhante* com bordas verdes e fotografia na parte inferior. Por trás do título, havia o desenho de um mapa das Américas do Sul e Central, além de um trecho da América do Norte, com destaque para o mapa do Brasil (em cinza), enfatizando ao leitor estrangeiro a grande extensão territorial do país. A segunda página mostrava um mapa do Brasil ocupando grande parte da folha. Havia um organograma do governo brasileiro, na penúltima página, com informações sobre a estrutura governamental, expediente da revista e locais de informações sobre o Brasil. Nas partes superior e inferior eram dispostas fotografias de pontos turísticos brasileiros. (LINS, 2017, p. 127). Na parte interna da revista, todas as matérias foram impressas em branco e preto, textos em duas colunas e ilustrações de qualidade gráfica, sem anúncios publicitários, demonstrando o caráter governamental da publicação.

O conteúdo de *Brazil Today* era informativo, com temáticas que privilegiavam datas comemorativas, geografia, história, arte, descrição de produtos comercializáveis, turismo, obras públicas, personalidades, comércio, estatísticas e dados governamentais. A revista detinha, outrossim, seções fixas, cada uma com suas especificidades, a saber: *Outline of Brazil*, que mostrava uma radiografia resumida do país, com sua história, dimensões, população, língua, estações climáticas, temperatura, transporte, moeda e dados relativos ao comércio exterior com os EUA; *Tips and Topics* (depois

substituída por *Brazil Abroad*), a qual fazia a promoção do Brasil em território norte-americano, apresentando notícias políticas e econômicas do Brasil nos Estados Unidos, chegadas e partidas de estadunidenses no país e de brasileiros nos EUA, além de informar sobre o lançamento de livros ou obras artísticas sobre o Brasil; *Rio Reports*, onde se publicava notícias do governo brasileiro de impacto local ou que eram relevantes ao comércio e turismo; *Quote and Unquote*, destinada a comentar sobre a repercussão do Brasil nos Estados Unidos, fosse por meio de notícias ou editoriais na imprensa estadunidense, fosse por discursos e pronunciamentos de intelectuais, artistas e políticos, ou, ainda, por cartas de leitores ianques; *Trade Opportunities*, que consistia numa lista de empresas interessadas em exportar produtos brasileiros aos EUA. (LINS, 2017, p. 127).

O DIP também contribuiu com a divulgação do país nos EUA. Por meio da Divisão de Turismo, o departamento era responsável pela organização e execução de planos de propaganda turística no exterior, seja por meio de publicações de álbuns e catálogos do Brasil, seja pela manutenção de secções de turismo junto aos “[...] diferentes ministérios ou organismos públicos e privados [...] destinados a fins de expansão econômica, comercial ou industrial”. (BRASIL, Decreto nº 5.07, 29 dezembro de 1939). Essa divisão executava função semelhante ao Escritório de Informações Brasileiras. Editava folhetos em língua estrangeira e publicava, em inglês, a revista *Travel in Brazil*, como será visto em sequência.

Editada pela Divisão de Turismo do DIP, *Travel in Brazil* era a principal revista de divulgação do Brasil no exterior. Seus exemplares foram localizados, a época da pesquisa (2015), apenas no acervo da Biblioteca do Congresso dos EUA, em Washington DC. Atualmente, há coleção incompleta de exemplares digitalizados pela Biblioteca Nacional no site Hemeroteca Digital Brasileira, coleção Ayres de Andrade.

As edições têm como característica principal a riqueza gráfica. Publicada em papel tipo *couchê brilhante*, “fartamente ilustrada, com textos exclusivamente em inglês, capas coloridas e chamativas, grande quantidade de fotografias de excelente qualidade e projeto gráfico muito bem cuidado” (LUCA, 2011 p. 271-296), a revista pretendia traduzir para os estrangeiros “o sentido da brasilidade” que o Estado Novo pretendia construir e propagandear.

Para a direção do periódico, foi convidada a poetisa Cecília Meireles, figura atuante no círculo de intelectuais modernistas e militante no campo da educação nas décadas de 1920-1930. A própria Cecília escreveu artigos no periódico, além dela, Mário de Andrade, Tasso da Silveira, Nóbrega da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, José Lins do Rego,

Menotti del Picchia, Rachel de Queiroz, entre outros nomes importantes da intelectualidade brasileira do período. Os colaboradores estrangeiros, por sua vez, eram basicamente jornalistas norte-americanos que trabalhavam no Brasil como correspondentes e atuavam, ao mesmo tempo, como promotores da Política da Boa Vizinhança.

Lançada em setembro de 1941, a revista circulou por apenas cinco meses de maneira ininterrupta. Impressa no Brasil pelo DIP, foi distribuída pelo Escritório de Informações do Brasil em Nova Iorque às instituições nos EUA, o periódico, como seu título sugere, pretendia apresentar o país ao turista, como uma espécie de cartão de visitas do Brasil, numa época propícia ao crescimento do turismo noutras partes do Mundo, em meio à interrupção do fluxo de visitantes à Europa em decorrência da guerra. Além disso, “a guerra teve um impacto negativo no fluxo de turistas estrangeiros para o Brasil [...] propaganda turística se desenvolveu focada nos países do continente americano que, naquele momento, fornecia maior coeficiente de visitantes”. (VIEIRA, 2019, p. 178).

Desse modo, investir no turismo passa a ser considerado pelo governo brasileiro “delegando-se ao DIP a responsabilidade pelo seu desenvolvimento e controle [...] por meio do ingresso de imigrantes, a legislação específica as condições para a concessão de visto para o turista estrangeiro” (BASTOS, ROLFSEN et al., 2014, p. 199). Daí a importância de uma revista como *Travel in Brazil*, um dos veículos dessa empreitada do DIP.

A estratégia de *Travel in Brazil* em divulgar o país consistia na apresentação de matérias de cunho histórico, artístico, científico e geográfico redigidas por escritores de destaque e exibição de rico acervo iconográfico. “Embora a revista fosse classificada como turística, ela não obedecia ao modelo dos já tradicionais guias de viagens, produzidos e comercializados desde o século XIX” (VIEIRA, 2019, p. 190). Os guias objetivavam orientar o olhar do turista, apresentando-lhe os locais que mereciam ser visitados e sugestões de roteiros. “*Travel in Brazil*, por outro lado, o leitor imaginado não é tratado como turista nessa perspectiva restrita, de forma que a revista não é um guia de viagens convencional, que se limita a indicar o que não poderia deixar de ser visto” (VIEIRA, 2019, p. 190).

Seguindo a lógica de apresentar um Brasil rico e diversificado para além de sua natureza, as capas exibem aspectos socioculturais do país. Uma delas expõe o que se chamava à época de “tipos regionais brasileiros”: o número 3, de 1941, que traz uma bela ilustração de gaúchos nos pampas do Sul, sendo um deles com vestes caracterizadas, montado num cavalo marrom, e a contracapa exhibe dois gaúchos em pé, expondo seus belos cavalos, sob paisagem dos pampas ensolarados. Para dar sentido à capa, a revista traz o

artigo “The Gaúcho”, de Tasso da Silveira, analisado neste artigo.

Em termos de política externa, um dos objetivos dessas duas revistas foi tranquilizar a opinião dos leitores estadunidenses sobre os posicionamentos políticos de Getúlio Vargas e do Brasil acerca dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial. Era dever desses periódicos mostrar o país como amistoso aos EUA e aos seus habitantes.

2 O RIO GRANDE DO SUL NA DIVULGAÇÃO BRASILEIRA NOS EUA

A pesquisa realizada acerca das visões *ianques* sobre a América Latina, a pedido de Nelson Rockefeller, em 1941, ilustra bem o desafio brasileiro de ser bem-visto nos EUA. Na investigação, os adjetivos mais usados pelos entrevistados que caracterizariam os latino-americanos foram: pele escura, genioso, atrasado, emocional, religioso, vagabundo, ignorante, desconfiado, amistoso (a característica positiva mais bem votada) e sujo. (SCHOULTZ, 2000, p. 347).

O recrudescimento da Segunda Guerra Mundial, como se sabe, modificou a política do Estado Novo interna e externamente. Do ponto de vista político, foi o período em que se reafirmou a busca pela industrialização, ampliação da legislação trabalhista como suporte ao governo e manutenção da unidade territorial. Em termos de relações internacionais, a batalha interna entre simpatizantes de Alemanha e Estados Unidos terminava com a vitória da corrente liderada por Oswaldo Aranha na aliança com os ianques.

Dessa forma, a defesa do hemisfério contra a ofensiva do Eixo era meta a ser atingida. Proteger a costa nordestina e o sul do Atlântico Sul era motivo de preocupações das autoridades brasileiras. Nesse teatro de operações de guerra, o Rio Grande do Sul se configurava como uma das peças-chave da segurança nacional por vários aspectos: pela riqueza mineral, industrial e agrícola, a exemplo da primazia na produção de trigo e de outros alimentos; grande efetivo militar instalado, tradicionalmente alocado na proteção territorial contra uma possível (mais no campo discursivo que militar) ocupação argentina; e presença de um grande número de estrangeiros e brasileiros de ascendência italiana e alemã, alguns falantes de língua europeia, cuja desconfiança, por parte do Estado Novo, de serem integrantes da chamada “quinta coluna” pairava na época da guerra.

No aspecto propagandístico do governo brasileiro, apresentar o Rio Grande do Sul como um importante estado brasileiro era, por um lado, acalmar os boatos na imprensa norte-americana que a região de procedência do Presidente da República era reduto de fascistas e, por outro, explicar

Getúlio Vargas com base no local de seu nascimento, pois havia ideia disseminada pela imprensa norte-americana que a América Latina “formada por territórios despovoados – com uma população primitiva, composta basicamente de pobres e mestiços” era pouco civilizada, portanto, “ambiente propício à penetração do inimigo externo alemão e japonês durante a Segunda Guerra Mundial” (JUNQUEIRA, 2000, p. 146).

A forma pela qual o Rio Grande do Sul foi mostrado seguia modelo adotado pelas autoridades brasileiras: assemelhar Brasil com Estados Unidos numa aproximação de (re)união de dois irmãos separados no berço. A marca da distinção entre as duas nações precisava ser desfeita, como confiar, porém, no amigo tão diferente? Aproximar, portanto, Estados Unidos e Brasil era tarefa. Nesse sentido, os textos reforçam o uso de elementos já consagrados da história tradicional brasileira, tais como a expulsão de estrangeiros, atuação de grupos locais na descoberta do ouro e diamantes, além da expansão territorial.

O primeiro artigo analisado, intitulado *Rio Grande do Sul*, foi escrito por Vera Kelsey³, tendo aparecido pela primeira vez em 1940, na obra *Seven Keys to Brazil* e republicado em *Brazil Today* no ano seguinte. O livro de Kelsey se propôs a apresentar “um panorama da diversidade regional do Brasil, concentrando-se, particularmente, em sete regiões mais acessíveis ao visitante estadunidense”. Nesse caso específico, o sul do Brasil, foi descrito em diversos aspectos, tais como: população e suas ocupações, as grandes cidades, dados gerais sobre recursos, história, atividades econômicas e artísticas” (BISPO, 2011).

O artigo de Vera Kelsey se divide em cinco partes: geografia, onde apresenta os pampas e paisagens da região; história, em que se tenta apresentar ao leitor a trajetória política do estado com intuito de explicar o presente por meio do passado; atividades econômicas, mormente charque; o estado na atualidade, pela modernidade urbana de Porto Alegre; por fim, o gaúcho, espécie de etnografia comparada com o *cowboy* texano.

Destaca-se a comparação do Sul do Brasil com o Meio Oeste americano, onde Minnesota, Wisconsin e Texas seriam equivalentes a Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, respectivamente. Embora a geografia seja forçada nesse ponto, tendo em vista que Minnesota e Wisconsin estão bem distantes de Texas, seria com base nos domínios morfoclimáticos

3 Audrey Vera Kelsey (1892-1961) foi professora da North Dakota State University, produziu vários livros de cunho informativo e turístico sobre o Brasil. A autora tornou-se popular como autora de livros de ficção e mistério, dentre suas obras, a novela *The Owl Sang Three Times*, que tematizava a vida da colônia americana do Rio de Janeiro, mostrando, assim, a sua existência e a potencialidades para a intensificação das relações (Bispo, 2011).

que a comparação foi realizada com o Meio Oeste, onde haveria “um verão quente (dezembro a fevereiro); um inverno frio (junho a agosto), com chuvas frias e noites geladas; e uma primavera e outono cintilantes” (KELSEY, 1941, p. 13).

Em se tratando especificamente do Rio Grande do Sul, a autora assevera:

Embora não seja o maior estado do Brasil, o Rio Grande do Sul, unidade mais antiga e líder da região, sugere o Texas. Não apenas por causa de sua posição mais ao sul, do pequeno pântano quebradiço e do histórico Rio Grande em si, suas áreas onde quase 30 milhões de cabeças de gado vagueiam e gaúchos de mais de um metro e oitenta [*six-foot-and-over*] de altura cavalgam em busca de couro, mas principalmente por causa de sua tendência geral para um espírito de “não pise em mim” [*Dont Tread on Me*], os dois estados têm muito em comum (KELSEY, 1941, p. 12, tradução nossa).

As semelhanças entre os dois estados, se fossem buscadas, apareciam ao leitor: ambos se localizam na região sul e na fronteira, embora isso não tenha o mesmo significado nos dois países; há o enaltecimento do imaginário autônomo do Texas com o Rio Grande do Sul rebelde, quando foi comparado ao lema da bandeira amarela utilizada na guerra de independência das Treze Colônias, criada pelo general Christopher Gadsden, em 1775, “*Dont Tread on Me*” (não pise em mim), em que se vê uma cobra cascavel enrolada e atenta para atacar o invasor, caso seja atacada, símbolo utilizado por militares à época.

Enquanto o estado brasileiro se destacava pela hegemonia política, mormente no contexto da Revolução de 1930, o irmão estadunidense, Texas, era o segundo mais extenso e um dos mais ricos dos EUA; um teve a presença de missões jesuíticas criadoras de gado no Brasil e no outro ocorreu por meio de franciscanos em território texano; em ambos, relatos de disputas territoriais contra estrangeiros, sobretudo espanhóis; instauração das efêmeras República Piratini (1836-1845) em território brasileiro e a República Texana (1835-1845) incorporado voluntariamente ao território dos EUA; o modelo do estancieiro gaúcho com o fazendeiro ianque, todas essas semelhanças artificialmente construídas por intelectuais, aos quais vão descrevendo suas comunidades imaginadas.

Quando se observam aspectos demográficos, Vera Kelsey enaltece o baixo poder aquisitivo dos colonizadores portugueses no Rio Grande do Sul, cujos poucos recursos não foram suficientes para aquisição de escravi-

zados, asseverando que “a contribuição do negro, portanto, foi pequena”. (KELSEY, 1941, p. 12), reforçando a ideia da baixa participação de negros na formação populacional do Rio Grande do Sul. Por outro lado, o lado indígena foi enaltecido “Os índios aqui encontrados - Charrúas e Minuanos - estavam entre os mais selvagens da América do Sul, prezando, acima de tudo, a guerra e a liberdade”, sendo o Rio Grande do Sul produto desses índios com os “soldados, aventureiros e colonos mais resistentes do Brasil Central”. (KELSEY, 1941, p.12, tradução nossa). Podemos observar ainda o destaque feito pela autora ao alemão imigrante: “Some-se ao vigoroso estoque básico e ao clima revigorante, a vida livre e ao ar livre da cordilheira e uma grande colonização alemã, e fica claro porque os Riograndenses são mais altos, mais largos, mais robustos e agressivos que os brasileiros ao norte” (KELSEY, 1941, p. 12, tradução nossa).

Para Kelsey, a presença do alemão imigrante não é vista com desconfiança, muito ao contrário, era mais um elemento de identificação entre os dois estados, tendo em vista a constituição majoritariamente branca, com pequena percentagem de Negros no Texas (TEXAS ALMANAC, 1939, p 38). No Rio Grande do Sul, segundo dados do censo demográfico de 1940, aproximadamente 90% da população se declarava branca (2.944.204 dos 3.320.689 habitantes no total), 220.689 pretos, 153.376 pardos, 843 amarelos e 1.607 de cor não declarada (BRASIL, 1950. p 148). Já no Texas, estado com o dobro da população sul-rio-grandense, a população branca representava por volta de 85% da população (5.487.545 dos 6.414.824 habitantes), 924.391 pretos, 1.785 amarelos e 736.433 de outras “raças” (CAMPBELL & KAY, 2002. p. 177).

Para Kelsey, os ancestrais colonos e soldados caçavam os gigantes rebanhos de gado selvagem com o mesmo espírito que Buffalo Bill caçava bisões. A comparação do tipo gaúcho ao famoso caçador e artista William Cody, conhecido por Buffalo Bill, ícone do homem do velho oeste não deixa de ser um chamariz aos leitores da revista.

Avançando no entendimento do Rio Grande do Sul, a autora descreveu as potencialidades econômicas do estado e o que o viajante encontraria quando estivesse na capital gaúcha: “A atitude é contagiante. O visitante se soma um pouco e chega com uma resposta surpreendente ... Seattle!” (KELSEY, 1941, p. 15, tradução nossa).

Nesse ponto, o imaginário geográfico do leitor salta do Sul na região do Meio Oeste, Texas, e vai ao Pacífico, na maior cidade do estado de Washington, Seattle, cidade portuária cuja característica principal seria a construção de habitações sobre colinas e lagos nos limites urbanos. Já Porto Alegre, incrustada na margem esquerda do Rio Guaíba, entre a junção de rios que nele deságuam e o extremo norte da Lagoa dos Patos, “em vez

de Puget Sound, Porto Alegre tem este enorme lago a seus pés - 150 milhas de comprimento por 30 de largura - que, canalizado agora, dá acesso do Atlântico a sua longa e colorida orla, grande parte dela, como a de Seattle, erguida em terra construída”. (KELSEY, 1941, p.15, tradução nossa).

A comparação com a cidade estadunidense foi estratégia para o leitor se imaginar num local familiar, como informa o trecho: “para quase tudo que Seattle tem, da universidade estadual ao sistema hidráulico, Porto Alegre tem uma duplicata e, além disso, como capital municipal e estadual, inclui o Palácio do Governador e outros prédios” (KELSEY, 1941, p. 15, tradução nossa). Sobre a área residencial, a autora apresenta apenas o desenvolvimento das áreas suburbanas como se fosse um modelo linear da cidade portoalegrense: “Os distritos residentes também sugerem Seattle em suas casas confortáveis rodeadas por gramados e jardins sombreados por árvores, embora aqui haja bouganville, lírios brancos, palmeiras e abetos em vez de rosas, abetos e madronas”. (KELSEY, 1941, p. 15, tradução nossa).

Ambas as cidades prosperaram pelo desenvolvimento portuário e industrial. A respeito da capital sul riograndense, o aumento populacional na área central pressionou a expansão do perímetro urbano, “incorporando o que era até então os subúrbios e os arraiais [...] este movimento passa a desvalorizar os terrenos centrais e as pessoas com mais recursos começaram a investir em moradias afastadas do centro” (CASTILHO, 2008 p. 15).

Vera Kelsey atentou para o crescimento da cidade, que, na década de 1940, já se observava vigoroso acréscimo populacional e remodelação da paisagem urbana de Porto Alegre por meio da “realização de obras viárias, a criação de áreas verdes (parques e praças), o início da verticalização do centro, a construção de vários prédios públicos e o incremento da construção civil em novas áreas da cidade”, muitas delas inauguradas em 1940 para as comemorações do bicentenário da cidade. (SILVA, 2009. p. 24) transformando a capital numa metrópole moderna e vitrine do desenvolvimento da região sul do país.

3 O GAÚCHO - O COWBOY BRASILEIRO

Personagem frequente na cultura popular dos EUA: o *cowboy* (em seu intrépido cavalo) fazia sucesso na literatura, imprensa, rádio e cinema na narrativa de conquista do “selvagem oeste”, conhecido como *Wilderness* (JUNQUEIRA, 2000, p. 68; LOCASTRE, 2011, p. 146). Por isso, foi o mote para comparação com um tipo popular no sul do Brasil e nos países fronteiriços da região: o gaúcho, cuja descrição e comparação ao *cowboy* ianque foram retratados tanto no artigo de *Brazil Today*, quanto em *Travel in Brazil*, com semelhante tese argumentativa, a de que o tipo humano moldado a

inospitalidade do território foi elemento comum nas duas nações.

Percebe-se que os termos utilizados em países da América: vaqueiro, vaqueiro, llanero, cowboy, huaso, guaso e gaúcho teriam o mesmo significado: aqueles que trabalham com o gado a cavalo, seria “um modo de vida e um modo de expressão”, representava “a inquietação, uma relutância em criar raízes. Ele nunca possuiu terras; ele raramente possuía gado. [...] Esses homens se rebelaram contra as restrições da sociedade e valorizaram sua liberdade acima de tudo. Seu habitat preferido era a fronteira que delimitava a civilização da selva” (MANTHORNE, 2006, p.28-31, tradução nossa).

Sobre o caso brasileiro, o paranaense Tasso Azevedo da Silveira⁴ escreveu na Revista *Travel in Brazil* matéria intitulada *O Gaúcho* em que objetivava apresentar aos leitores estadunidenses e canadenses o grupo étnico que seria tradicional do Rio Grande do Sul, conforme o escritor:

Um dos principais elementos que evoluíram este tipo, foi a longa luta contra o domínio espanhol, ou seja, o gaúcho de hoje é produto do instinto de **brasileidade**, no momento em que novas energias eram necessárias para empurrar nossa fronteira para o Sul, para sustentar e apresentar uma barreira invencível ao ímpeto conquistador dos filhos da ardente Espanha. (SILVEIRA, 1941, p.20, tradução nossa, grifo nosso)

O autor brasileiro enalteceu a força de um sentimento nativista, chamado de “brasileidade”, para aproximar-se do leitor norte-americano pondo o gaúcho como um colono rebelde contra a metrópole espanhola, assemelhando-se ao *patriota*, alcunha dos colonos das Treze Colônias rebeldes contra a Coroa Inglesa no século XVIII.

Quanto ao fenótipo, observa-se carga de valores característicos daqueles tempos. Vera Kelsey assevera que, de um lado, há aproximação do gaúcho com o *cowboy* estadunidense, de outro, há distanciamento com o congêneres nordestino, o vaqueiro caboclo denotando, conscientemente ou não, valores que inferiorizam miscigenação, presentes tanto no Brasil quanto nos EUA, como se vê na passagem:

4 Tasso Azevedo da Silveira (1895-1968), bacharel, político, professor e escritor. Trabalhou em vários jornais brasileiros, publicou diversas obras, dentre elas, *As Imagens Acesas* (1928), *Definição do Modernismo Brasileiro* (1932), *Contemplação do Eterno* (1952), *Retorno à Origem* (1960) e *Puro Canto* (1962). TASSO da Silveira. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22373/tasso-da-silveira>>. Acesso em: 21 de abr. 2021. Verbete da Enciclopédia.

[...] **Com mais de um metro e oitenta de altura, de proporções esplêndidas**, mesmo a pé o vaqueiro riograndense é uma figura marcante. [...] **Em vez do couro empoeirado do vaqueiro**, seu traje resplandece. Bombachas largas - calças largas e folgadas para fácil movimentação. [...] De certo modo - postura, gesto, fala, caráter, hábitos, dimensões - ele é **exatamente o oposto daquele nordestino**, caubói, **o vaqueiro**. Filho de planícies férteis e sem fim, abençoado com o desconhecimento [*ignorance*] das secas e solo árido, capaz de viver livremente sem um tipo aventureiro, jovial, valente e galante - um verdadeiro cavaleiro com uma arrogância. Guiar o gado até o seu é um jogo; Cada rodada é uma festa. (KELSEY, 1941, p. 14, tradução nossa, grifos nossos).

Um contraponto a ser notado entre as figuras do vaqueiro e do gaúcho pode ser observado no artigo denominado “O vaqueiro”, escrito por Octávio Domingues⁵, publicado em *Travel in Brazil*, em 1942. O autor apresenta o vaqueiro também como uma das figuras mais interessantes do Brasil e busca uma proximidade com o cowboy: “Este cowboy brasileiro é um pouco semelhante ao seu protótipo americano, embora diferindo em muitos pontos essenciais; ambos são empregados na pecuária na serra” (DOMINGUES, 1942, p. 18). Assim como Kelsey, realiza uma descrição pictórica do vaqueiro:

Para se proteger nessas corridas pelo mato o vaqueiro usa roupas confeccionadas com peles de veado curtidas, compostas por chapéu de aba larga, peitoral, túnica e calça justa, com luvas para as mãos. O cavalo usa um peitoral de couro cru resistente pendurado no pescoço com as pontas amarradas na sela (DOMINGUES, 1942, p. 21, tradução nossa)

A pretensa superioridade do gaúcho sul riograndense em relação ao vaqueiro nordestino evidencia o pensamento muito disseminado entre os estadunidenses de que a civilidade pertence aos povos de pele branca. (JUNQUEIRA, 2000, p. 140). *Esses valores negativos à miscigenação podem ser ilustrados na reportagem sobre o Brasil na revista Life, de 23 de novembro de 1936, em que o magazine apresentou o Brasil como “a maior e potencialmente mais rica das nações que participariam da Conferência Pan-americana”. Exibiu belas fotos*

5 Octávio Domingues (1897-1972) graduou-se como engenheiro agrônomo em Piracicaba (SP), foi um dos responsáveis pela constituição de Zootecnia como curso superior, professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e da Faculdade de Farmácia e de Odontologia Washington Luís em Piracicaba, presidente da Sociedade Brasileira de Zootecnia de 1951 a 1968 (ROSA, 2005).

da Capital da República, mas também mostrou o retrato da pobreza e da “mistura racial” brasileira. Life tratou da suposta “incurável preguiça” dos “encantadores brasileiros” e esse fator, segundo o magazine, decorreu de os conquistadores portugueses não terem trazido suas esposas, casando-se com índias, cujos descendentes se juntaram com sangue dos escravos negros (LIFE, 1936, p. 40-41, tradução nossa).

Encontra-se ressonância dos valores negativos relacionados à miscigenação no artigo de Domingues sobre os vaqueiros. Ele, notavelmente, foi um dos partícipes do Boletim de Eugenia (1929-1932) ao lado do médico paulista Renato Kehl, divulgando ideias acerca da eugenia e miscigenação. Para Domingues, os vaqueiros nordestinos são caracterizados como originários do homem branco europeu, com alguma participação do indígena, e menos ainda do negro:

Nesta região isolada, num clima quente e agreste, sujeito à calamidade das secas periódicas irregulares, desenvolveu-se esta classe de povos, descendentes dos primitivos colonos brancos, - portugueses e holandeses, com um pouco de mistura aqui e ali de alguns índios, e em menor grau de sangue negro. Este povo, claramente marcado pelos seus hábitos e fisionomia étnica, e denominado “sertaneja”, é mais verdadeiramente representado pelos vaqueiros, cujos costumes, métodos e espírito corajoso são dignos de estudo e de registo (DOMINGUES, 1942, p. 18-19, tradução nossa).

Os argumentos ora apresentados por esses autores, comuns ao leitor estadunidense, revelam dois traços importantes: a permanência da visão estrangeira sobre a população brasileira amolentada pelo clima, que incomodava os intelectuais brasileiros (SEVCENKO, 2003, p. 45), e resquícios das teorias da degenerescência, oriundas do racismo científico do século XIX (FERNÁNDEZ-ARRESTO, 2007, p. 87), lembrando que as ideias eugênicas – que foram muito utilizadas pelos racistas no modernismo - nasceram no seio da nação norte-americana (GOULD, 1997, p. 347-359).

Possivelmente, Vera Kelsey leu artigo de *Life*, e como filha de seu tempo, não deixou de transparecer os valores raciais da época ao apresentar o Rio Grande do Sul, de clima temperado e ascendência, supostamente, diferente da do vaqueiro do nordeste do Brasil, assolado pelo semiárido, superior ao restante do Brasil. Adiante, pode-se ver aproximação do gaúcho e cavalo como um só ser, espécie de centauro regional, assim como o *cowboy* texano, tanto em Kelsey quanto em Silveira:

Montado em seu pingo - companheiro, amigo e confidente - ele é um **centauro** se com isso se quer dizer que cavalo e ca-

valeiro parecem ser um só. Desde a infância, ele mal sai da sela, exceto para dormir e jogar. Ele pesca nele, participa de festas nele (incluindo partidas de bebidas), ouve missa ou luta nele, usando seu cavalo como projétil e se jogando na briga em abandono heróico, embora teatral. (KELSEY, 1941, p.14, tradução nossa, grifo nosso).

A analogia ao *cowboy* é perceptível, pois, nos EUA, a ideia de liberdade por meio da cavalgada aponta “mais do que apenas desejo de viajar ao estilo vida ao ar livre”. “Joe McCoy, que conhecia o *cowboy* tão bem quanto, senão melhor do que qualquer pessoa, disse-nos que a vida do *cowboy* é “difícil e cheia de exposição, mas [é] selvagem e livre, e o jovem que há muito é um *cowboy* tem pouco gosto por outra ocupação” (MCCOY, 1874, p.10 apud LAMBERT, 1967, p.63, tradução nossa).

Silveira retrata o cavalo como um componente extensivo e inseparável do gaúcho, resgatando ainda a figura mitológica grega do Centauro para comparar com a criação da imagem do gaúcho, conforme descrito pelo escritor:

[...] As enormes distâncias, o tipo de atividade humana que lhes é peculiar - a criação de gado - permite ao gaúcho continuar a ser, no cotidiano do presente, o **centauro lépido** das Guerras Guerrilheiras. [...] Montado no seu querido “Pingo” com o seu chapéu de couro de aba larga ou feltro, nos ombros um “Poncho” oblongo que tem uma abertura no centro para a passagem da cabeça, o lenço brilhante em volta do pescoço, para as calças as “Bombacha” [...] corte completo até os tornozelos onde se juntam para caber nas suas chiques botas de couro, adornadas com esporas gigantes, o gaúcho é uma visão que se enquadra na moldura da planície, como uma inspirada criação pictórica. (SILVEIRA, 1941, p.21, tradução nossa. Grifo nosso)

A relação do gaúcho com seu pingão (como era chamado cavalo pelos nativos) se assemelha ao *cowboy* com seu alazão, como se vê na passagem: “Outro detalhe do código proibia qualquer pessoa de usar um cavalo do corcão de outro *cowboy*. Depois que os cavalos foram entregues ao *cowboy*, ninguém, nem mesmo o chefe, poderia montar em um deles sem a permissão do *cowboy*, embora eles ainda pertencessem tecnicamente à unidade e não ao *cowboy*” (LAMBERT, 1967 p. 61-71, tradução nossa).

O gaúcho brasileiro adornado com trajes típicos imaginado pelos dois escritores também foi representado no cinema. Em 1942, no ano se-

guinte à publicação desses artigos, o filme de Walt Disney *Alô Amigos* retratou quatro países da América Latina: Peru, Chile, Brasil e Argentina. Nesse caso, o gaúcho não se tratou do habitante do Rio Grande do Sul, mas sim do congênere argentino, cuja comparação com o cowboy norte-americano:

É tão explícita que em uma parte do desenho eles trocam a roupa do personagem Pateta (vaqueiro do Faroeste) pelos trajes típicos do gaúcho, pois segundo o narrador do desenho, os dois possuem muita semelhança, apesar de seu vestuário variar “ligeiramente” entre um e outro. (LOCASTRE, 2011, p. 149).

Nesse aspecto, para as revistas *Brazil Today* e *Travel in Brazil*, o gaúcho é o exemplo de brasilidade da fronteira. Já para o cinema, o gaúcho é a representação típica do argentino. Plasticamente, os dois tipos de gaúchos são comparados ao cowboy texano, portanto, esse tipo folclórico seria comum entre Brasil e Argentina, tendo sua descrição utilizada para qualquer nacionalidade, já que a personagem, atuação e comparação com o vaqueiro iaque seriam semelhantes.

Como construção histórica, o gaúcho nativista, seja no Rio Grande do Sul, na Argentina ou EUA, aparece como o homem autossuficiente, independente e corajoso, um orgulho nacionalista desses países, contudo, o historiador estadunidense Lewis Atherton ressalta o paradigma da construção pictórica dessa figura, conceituando como um enigma:

O gaúcho era um contrabandista colonial de peles e de status social extremamente baixo, primeiro desprezado e depois temido pelas classes altas à medida que crescia em número. Como ele se tornou o símbolo do arrojado cavaleiro, o amante bem-sucedido, o menestrel cantor das planícies e o nobre defensor dos pobres constitui um enigma tão fascinante quanto explicar a ascensão de seu irmão norte-americano, o vaqueiro, a um igualmente exaltado status (ATHERTON, 1961, p. 4, tradução nossa).

A modernidade do século XX seria o motivo da adaptação da rusticidade do gaúcho aos novos tempos. Para Tasso da Silveira, ele é “enormemente adaptável ao mais alto nível de refinamento, civilização e cultural” (SILVEIRA, 1941, p. 23, tradução nossa), pois despontaria elementos de importância a valores modernos como lealdade, cavalheirismo, detentor de código de honra e impetuosidade ao extremo. Para Vera Kelsey, como o vaqueiro da América do Norte, “os dias do gaúcho estão cada vez mais curtos.

Os métodos modernos e a mecanização da pecuária não estão apenas reduzindo a demanda por seus serviços, mas também embotando o glamour da vida que o criou e sustentou”. (KELSEY, 1941, p.15, tradução nossa).

De acordo com Kelsey, a bravura no sangue do centauro do Rio Grande do Sul seria transportado para outro campo com a modernidade: o controle de outro cavalo, o avião. Dito de outra forma, a aviação seria a nova fronteira a ser conquistada pelos “ex-gaúchos do Rio Grande do Sul”. A escritora comenta sobre o traço de personalidade agressivo do gaúcho e do desenvolvimento da região com base no espírito empreendedor:

Típico da região são as pessoas também. “Agressivos - tão agressivos que se desculpam: “Não podemos evitar”, explicam eles; “Nossa história nos fez assim.” Empreendedor como o grupo empenhado em colonizar o estado, abrindo florestas no interior, construindo estradas, levantando o terreno em pequenas áreas, cada uma com acesso à água, erguendo uma igreja, uma escola e uma loja em vários pontos, então importando de outras partes do Brasil e da Europa 10.000 ou até 40.000 imigrantes para desenvolvê-lo enquanto fazem outro. (KELSEY, 1941, p.15, tradução nossa).

Alcunha de ex-gaúcho significou a entrada no mundo dito civilizado da política na intimidade, o rústico gaúcho tiraria o poncho, lenço e bombacha e vestiria os ternos da alta moda, imprescindíveis nos três poderes da República. Exemplo disso ocorreu narrativa construída pela biografia de Oswaldo Aranha, visto com muita simpatia nos EUA, retratada com inúmeras virtudes na imprensa norte-americana, mormente, pela coluna política *Washington Merry-Go-Round*, assinada por Drew Pearson e Bob Allen, publicada em centenas de jornais estadunidenses. A imagem de um pródigo líder brasileiro nos EUA começava a ser formada, perfazendo um misto de exuberantes qualidades de bravura – “um ex-gaúcho com marcas de chumbo no ombro”; e liderança – “liderou cinco revoluções que ajudaram a colocar presidente Vargas no poder no Rio de Janeiro” (PEARSON, 1935).

Por fim, embora não haja informação nas matérias analisadas neste artigo que o Rio Grande do Sul era local de nascimento e vida política do Presidente da República, porém, há outras matérias dessas revistas alusivas ao Presidente Getúlio Vargas que retratam a imagem cultivada do presidente brasileiro como um pacato homem de família, herdeiro da política gaúcha (LEVINE, 2002 p.13). Essa referência a Vargas como filho da tradição gaúcha não deixa de refletir também a vida do habitante dos pampas, como *Brazil Today* asseverou em outra matéria, que o sorriso franco,

a preferência pelas cavalgadas e jogos de golfe, a predileção pelo cinema estadunidense e senso de humor apurado, cujas boas piadas resultavam numa gargalhada majestosa. O gosto pela vida simples e familiar herdada dos pampas marcava o caráter pacífico do homem por trás da Presidência do Brasil (BRAZIL TODAY. Ano 1. Sept. 1940, p. 13, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, de acordo com análise das matérias apresentadas, os textos, nitidamente de apelo propagandístico, mostram o estado do Rio Grande do Sul, terra do Presidente da República, grandioso, próspero, focado exclusivamente em seus interesses e na prosperidade do país, em comparação com o rico estado do Texas, revela, portanto, a faceta do governo brasileiro na construção da imagem do país como irmão dos EUA, cuja parte da população, apesar de ascendência alemã e italiana, não faziam alusão a sua pátria na segunda grande guerra.

A leitura dos artigos propiciou captar, por meio dos articulistas, como esses textos exerceram a função de etnógrafos da comunidade sulriograndense na descrição da vida e costumes da população do sul do Brasil. Assim, os textos contribuíram na criação de uma relação de aproximação entre países longínquos. No caso deste artigo, pode-se imaginar como os estadunidenses, vizinhos do Norte, puderam (re)descobrir um país tão grande quanto o seu, e em determinados momentos, assustadoramente semelhante, localizado ao Sul do Rio Grande.

Conforme o ideário da época, o ser humano é fruto do lugar, no caso, a fronteira moldou o gaúcho, como ocorreu no oeste dos EUA, o *cowboy* brasileiro foi representado como o filho legítimo da região, e por mais que fossem tipos distintos de culturas díspares, para a propaganda brasileira, eram primos legítimos: o gaúcho e o *cowboy*.

Destarte, os leitores interessados nos assuntos estrangeiros poderiam acompanhar os desdobramentos da política, cultura e cotidiano do Brasil, como um romance de aventura moderno, envolvendo não apenas exóticas florestas intocáveis, silvícolas desnudos ou feras indomáveis, mas também a palácios e atuações de autoridades no imbricado jogo político daquele momento.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Oswaldo. *Carta a Getúlio Vargas*. Washington, 31 ago. 1937. CPDOC Gvc. 1937.08.31/2.

- ATHERTON, Lewis. Cattleman and Cowboy: Fact and Fancy. *Montana The Magazine of Western History*. Vol. 11, No. 4, 1961, p. 2-17. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4516532>>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- BANDEIRA, Luís Alberto. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BASTOS, S; ROLFSEN SALLES, M; SIQUEIRA BUENO, M. Turismo e Imigração: Por uma Política de Hospitalidade no Brasil entre 1937 e 1951. *Rosa dos Ventos*, vol. 6, núm. 2, abril-junho, 2014, p. 197-216 Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil.
- BISPO, Antônio Alexandre. O Brazilian Information Bureau nas suas relações com a American Brazilian Association e a American Coffee Corporation - movimento brasileiro à época da visita da filha de Getúlio Vargas aos EUA. 50 anos de morte de Vera Kelsey (1891-1961)". *Revista Brasil-Europa*. n.129/20, 2011. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/129/Brazilian_Information_Bureau_NY.html>. Acesso em: 03 jul. 2021.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). *Dicionário de política*. Vol. 2. Brasília: EDUNB, 2008.
- BRASIL, *Decreto nº 5.077, 29 dezembro de 1939*.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Recenseamento geral do Brasil*. Série nacional. Vol. 2. Rio de Janeiro: serviço gráfico do IBGE, 1950. P 148. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- BRASIL. *Decreto nº 5.077 – de 29 de dezembro de 1939*. Aprova o regimento do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP.). In: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5077&tipo_norma=DEC&data=19391229&link=s>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- BRAZIL TODAY. Nova Iorque. Ano 1. Sept. 1940.
- BRAZIL TODAY. Nova Iorque. Ano 3. Feb. 1942.
- CAMPBELL, Gibson & KAY, Jung. Historical Census Statistics on population totals by race, 1790 to 1990, and by hispanic origin, 1970 to 1990. U.S. Census Bureau, Washington, DC: 2002. Disponível em: <<https://www.census.gov/content/dam/Census/library/working-papers/2002/demo/POP-twps0056.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- CASTILHO, C. S.; PERONI, N. O. Hotelaria em Porto Alegre. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. v. 2, n. 1, p. 4-19, mar. 2008.

- CERVO, Amado & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 3ª ed. Brasília: EDUNB, 2008.
- DOMINGUES, Octavio. The Vaqueiro. In: *Travel in Brazil*. Vol. 2, N. 2. Rio de Janeiro, 1942.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22373/tasso-da-silveira>>. Acesso em: 21 de abr. 2021. Verbete da Enciclopédia
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Então você pensa que é humano?* Uma breve história da humanidade. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- FREJES, Fred. *Imperialism, media and good neighbor: new deal foreign policy and United States shortwave broadcasting to Latin America*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1986.
- GAMBINI, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas: Influência Americana e alemã no Estado Novo*. SP: Ed. Símbolo, 1977
- GOULD, Stephen Jay. *Dinossauro no palheiro: reflexões sobre a história natural*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- HERTZ, Mônica. A dimensão cultural das relações internacionais: proposta teórico-metodológica. *Contexto Internacional*, n. 6, IRI/PUC, Rio de Janeiro, jul.-dez. 1987. Disponível em: <http://contextointernacional.iri.puc-rio.br/media/herz_vol6.ano3.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.
- HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande*. Imaginando a América Latina em Seleções. Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970). Bragança: EDUSF, 2000.
- KELSEY, Vera. Rio Grande do Sul. In: *Brazil Today*. Volume 1, número 6. Nova Iorque, 1941.
- KELSEY, Vera. *Seven keys to Brazil*. New York: Funk & Wagnalls company, 1940.
- LAMBERT, Neal E. Freedom and the American Cowboy. *Brigham Young University Studies* Vol. 8, No. 1, 1967, p. 61-71. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43041744>>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres?* O Brasil e a Era Vargas. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- LIFE. Nova Iorque, 23 nov. 1936.
- LINS, L. F. T. DE S. O Brasil na vitrine da Fifth Avenue: A atuação do Escri-

- tório de Informações Brasileiras nos EUA 1935 – 1945. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, v. 9, n. 1, p. 119-134, 27 jan. 2017.
- LINS, Lindercy. *To sell a product or to sell an idea: a propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945)*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2016.tde-24022016-013307.
- LOCASTRE, Aline Vanessa. Alô América do Sul! - os estereótipos sul-americanos na propaganda de guerra estadunidense. *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem 03 a 06 de maio de 2011*. Londrina – PR.
- LUCA, Tânia Regina de. A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, n. 61, p. 271-296, 2011.
- MANTHORNE, Katherine. Luis Jiménez's Vaquero and the Trojan Horse. *American Art*. v. 20, n. 2, 2006, p. 28-31. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.1086/507498>>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- MCCANN JR., Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1995.
- MOURA, Gérson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980
- PEARSON, Andrew R. *Washington Merry-Go-Round*. Nova Iorque, 02 Dec. 1935.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política Externa dos Estados Unidos*. Continuidade ou mudança? Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- PERKINS, Dexter. *A época de Roosevelt. 1932-1945*. Trad. Edilson Alkimim Cunha. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1967.
- PRADO, Maria Lígia. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra. *Revista USP*. n. 26. São Paulo, jun./ago. 1995.
- RIBEIRO, Edgard Telles. *Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira*. Brasília: FUNAG, 2011.
- ROSA, Alessandra. “Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as ideias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)”. Tese (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p.126. 2005. Disponível em: <<http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/teses/santosar.pdf>>. Acesso em 01 jul. 2021.

- SCHOULTZ, Lars, *Estados Unidos: poder e submissão*. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- SILVA, Lucas Silva da. *Porto Alegre e a segunda Guerra Mundial (1939-1945): impactos no cotidiano da capital gaúcha / Lucas Silva da Silva*. – Porto Alegre, 2009.
- SILVEIRA, Tasso da. Gauchos. In: *Travel In Brazil*. Vol. 1. Num. 3. Rio de Janeiro, 1941.
- SIRINELLI. Os intelectuais e a política. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.
- SVARTMAN, Eduardo Munhoz. *Diplomatas, políticos e militares*. As visões do Brasil sobre a Argentina durante o Estado Novo. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- TEXAS ALMANAC: 1939-1940, 1939; Dallas, Texas. Disponível em: <<https://texashistory.unt.edu/ark:/67531/metaph117163/>>. Acesso em 28 jun. 2021.
- TRAVEL IN BRAZIL. Rio de Janeiro. Vol.2, No.2, 1942.
- VIEIRA, Ana Paula Leite. *O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- WOOD, Bryce. *The dismantling of the good neighbor policy*. Austin: The University of Texas Press, 1985.

Recebido em 04/07/2021

Aprovado em 15/12/2021